

ROUSSEAU, VIGOTSKI E O PAPEL DO MEDIADOR NA INFÂNCIA: DIFERENÇAS CONCEITUAIS E APROXIMAÇÕES REFLEXIVAS

Emilio Gabriel¹, Rogério Drago²

¹Professor de História da Rede Estadual de Educação do Espírito Santo, Doutorando em Educação PPGE/CE/UFES, emiliogabriel11@gmail.com;

²Professor Associado IV do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES, Doutor em Educação; rogerio.drago@gmail.com

RESUMO - Rousseau e Vigotski são dois dos principais pensadores da educação e dos processos que afetam diretamente o ato de ensino e aprender. Cada um, a seu tempo, trouxe teorizações que reverberam pelo tempo, suscitando novos estudos e análises. Nesse contexto, este artigo investiga o papel do mediador para a educação da criança. Para tanto, parte das teorias de Rousseau e Vigotski, com o objetivo de definir diferenças conceituais e refletir, posteriormente, sobre possíveis aproximações a aplicabilidades na atualidade. O método utilizado no estudo foi a pesquisa bibliográfica, com destaque para os livros I e II da obra *Emílio ou da Educação*, de Rousseau, obras vigotskianas e demais comentadores dos dois autores abordados. O artigo conclui que, mesmo com as diferenças no enfoque do papel do mediador para a criança, em Rousseau e Vigotski, há que se levar em conta suas contribuições para a educação no século XXI, além de valorizar a formação natural e social do indivíduo no atual contexto de hegemonia das tecnologias/ou das novas tecnologias de informação e comunicação social no contexto da educação escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Rousseau. Vigotski. Papel Mediador. Infância.

ABSTRACT - Rousseau and Vygotsky are two of the main thinkers of education and the processes that directly affect the act of teaching and learning. Each one in their own time, brought theorizations that reverberate through time, giving rise to new studies and analyses. In this context, this article investigates the role of the mediator in the education of children. To do so, it starts from the theories of Rousseau and Vygotsky, with the aim of defining conceptual differences and reflecting, later, on possible approximations to current applicability. The method used in the study was the bibliographic research, with emphasis on books I and II of the work *Emílio ou da Educação*, by Rousseau, Vygotskian works and other commentators of the two authors addressed. The article concludes that, even with the differences in the focus of the role of the mediator for the child, in Rousseau and Vygotsky, it is necessary to take into account their contributions to education in the 21st century and to value the natural and social formation of the individual in the current context. of hegemony of technologies/or new information and social communication technologies in the context of school education.

KEYWORDS: Rousseau. Vygotsky. Mediator Role. Childhood.

1 INTRODUÇÃO

O filósofo iluminista genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e o teórico da psicologia histórico-cultural, o bielorrusso Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934) são pensadores que, ainda hoje, impactam as reflexões pedagógicas sobre as estratégias de ensino, mesmo com todas as especificidades da época em que vivemos, muito diferente daquela em que eles estiveram inseridos. Rousseau foi um dos principais representantes do *Iluminismo*, no séc. XVIII, em uma Europa que tentava se libertar das superstições da fé e dos desmandos dos reis absolutistas, além de ser um dos anunciadores da contemporaneidade. Vigotski que, em

plena Revolução Russa, viveu o contexto do primeiro país socialista da história, com vistas à revolução social e à contestação do capitalismo, modelo fadado à extinção, marcou época na psicologia e na pedagogia.

Por terem vivido contextos tão diferentes, suas concepções de como seria o processo educativo das crianças também não poderiam deixar de sê-lo, fato comum na trajetória epistemológica da construção do conhecimento durante os tempos. Para este estudo, tomaremos o papel do mediador no processo de aprendizagem da criança em Rousseau e Vigotski para delinear suas diferenças conceituais e tecermos uma reflexão sobre possíveis aproximações e aplicabilidades nos dias atuais, objetivos deste artigo.

Para atingir tais objetivos, analisaremos principalmente os livros I e II da obra *Emílio ou da Educação* (publicada pela primeira vez em 1762), de Rousseau, e as obras vigotskianas que trataram da temática da mediação, bem como artigos e demais textos que abordaram o assunto, qual seja, a influência pedagógica dos autores na produção de tais conceitos.

Esta tarefa se justifica por trazer a relevo passagens importantes da história da pedagogia, bem como por refletir os caminhos que levam à mediação do conhecimento no sujeito durante a infância, além de ressaltar abordagens distintas, quase opostas, que podem coexistir sem anularem-se na era da superinformação.

Ademais, cabe-nos perguntar se o papel do mediador no processo de aprendizagem infantil pode ser encerrado em si mesmo, ou seja, se existe um fim último na concepção de mediação, uma vez que as dinâmicas sociais mudam de acordo com o tempo e espaço e não se pode cristalizar a pedagogia. Afinal, se a humanidade é fruto de um processo histórico de desenvolvimento, mediar para o saber é acompanhar a marcha da história ininterruptamente.

2 DISTANCIAMENTOS CONCEITUAIS A PARTIR DA ANÁLISE DO PAPEL DO MEDIADOR NA INFÂNCIA EM ROUSSEAU E VIGOTSKI

Se nos concentrarmos em como Rousseau e Vigotski concebiam o papel do mediador para o processo de aprendizagem da criança, perceberemos que eles diferem quantitativa e qualitativamente no sentido da interferência do mediador, o que torna esta análise mais fortuita, ao relevarmos tais distanciamentos.

Quando Rousseau escreveu a obra *Emílio ou da Educação*, no século XVIII, defendeu um processo educativo que seguisse os princípios da natureza, obedecesse ao ritmo de desenvolvimento da criança e tomasse por base a necessidade de que ela exercitasse tudo o que era sensorial, antes de experimentar a educação moral, mediada por um instrutor. Logo no início do livro I de seu *Emílio*, Rousseau (1995, p. 9) alerta que

[...] um homem abandonado a si mesmo, desde o nascimento, entre os demais, seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que nos achamos submersos abafariam nele a natureza e nada poriam no lugar dela (ROUSSEAU, 1995, p. 9).

Este posicionamento estava de acordo com seu pensamento naturalista, em que o sujeito deveria mirar os valores de uma etapa hipotética na história do gênero humano, onde prevaleceriam o amor-de-si e a piedade natural, como forma de impedir o surgimento do amor-próprio, que sufocaria os dois primeiros ideais, características de uma sociedade cheia de vícios.

Trata-se de educar para que a criança não se torne má, não se corrompa e, ao mesmo tempo, atinja seu principal objetivo: a condição humana, conforme Dalbosco e Wendt (2012).

Já, para Vigotski, o processo educativo só é possível em sociedade, contexto em que a criança poderá entrar em contato com diferentes saberes que contribuirão para seu desenvolvimento. Neste sentido, o meio tem papel crucial, pois ele deverá estar organizado para proporcionar a melhor forma de contato do educando com o saber que está em sua Zona de Desenvolvimento Iminente (ZDI). Dentre os saberes necessários para a criança se desenvolver intelectualmente, Vigotski enfatiza a linguagem, uma das principais funções psíquicas superiores, para aquisição da cultura que, para ele, é determinante na relação ensino e aprendizagem. Portanto, o processo educativo da criança não é natural, mas social.

Justificando esta posição, Vigotski (2021, p. 75) afirma que “[...] no seu processo de desenvolvimento, a criança assimila não apenas o conteúdo de sua experiência cultural, como também os meios e as formas de comportamento cultural [...]”. Assim, temos uma diferença crucial em relação ao pensamento naturalista rousseauiano, para quem seria necessário apurar os sentidos para, posteriormente, conhecer. Vigotski, de outra forma, já considera que, ao entrarmos em contato com algo, não o fazemos isoladamente, mas culturalmente, ou seja, influenciados pelo meio em que habitamos, no qual nascemos e recebemos as primeiras instruções de comportamento.

Estes posicionamentos distintos entre o genebrino e o bielorrusso se dão, também, na esfera da mediação. Adriane Cenci (2009), observa que Rousseau não usou exatamente o termo *mediação*. Conseqüentemente, trataremos aqui do papel do mediador para a criança, este sim, colocado em relevo pelos dois pensadores.

Em *Emílio*, Rousseau defende que o papel de mediador é de um preceptor: um indivíduo que tem o papel inicial de mediar o contato da criança com a educação dos sentidos, apurando-os e evitando que haja insuficiências – pois não pode ser poupado de certas experiências (a dor, por exemplo) – e exageros – que podem gerar frustrações futuras. Seria uma concepção quase aristotélica da ideia de meio termo entre dois vícios, buscando o contato com as coisas mesmas.

Rousseau, (1995, p. 60) justifica que “[...] o bem-estar da liberdade compensa muitas machucaduras”, e indaga: “[...] quem sabe quantas crianças morrem vítimas da extravagante sabedoria de um pai ou de um mestre?”. Assim, é possível perceber o papel do mediador como aquele que não interfere na educação inicial da criança em contato com o natural. Ao mestre, cabe deixá-la ela mesma com as coisas que a farão mais forte e preparada para a sequência do aprendizado.

Em Vigotski, o próprio mediador já não é, em si, apenas um indivíduo, mas qualquer concretude ou abstração que faça a ponte entre o que o aluno sabe, o que ele está preparado para saber e o que ele efetivamente saberá. O mediador poder ser, por exemplo, uma brincadeira, que pode ser entendida

[...] como a atividade principal da infância, que torna possível a expressão de sua criatividade e contribui com o desenvolvimento de habilidades e potencialidades, sendo também um modo de se relacionar e de se apropriar do/com o outro e da/com a natureza (BRAGA; FERRARI, 2020, p. 73).

Pelo exemplo, podemos notar duas diferenças fundamentais no papel do mediador em Vigotski: a) a cultura é historicamente constituída, portanto, não há como isolar naturalmente o indivíduo de uma perspectiva situada; b) a brincadeira em si é uma construção histórica, que desenvolve características importantes na criança e contribui para o amadurecimento de suas

funções psíquicas superiores. Ora, mesmo que a brincadeira seja uma criação cultural, é ela uma atividade que medeia o conhecimento que está pronto para ser incorporado pela criança.

Ademais, longe de ser o mediador um promotor do que Rousseau denomina de *educação negativa*, ou seja, um modelo onde o preceptor acompanha, mas não interfere no processo de apreensão do conhecimento, Vigotski enfatiza o papel primordial do mediador-indivíduo neste processo. Para ele, “[...] a educação se faz através da própria experiência do aluno, a qual é inteiramente determinada pelo meio, e nesse processo o papel do mestre consiste em organizar e regular o meio” (2018, p. 67). Portanto, cabe ao mediador gerir o meio e criar as condições para que a criança transforme em conhecimento real o que está iminente, num processo ininterrupto de aprendizagem, que é responsabilidade do mediador.

Em Rousseau, deve haver um equilíbrio entre o que deve ou não ser tocado pelo preceptor, numa espécie de balança em que a natureza seria o fiel, mas com a necessidade de o adulto dosá-la. Por exemplo: não deixar a criança morrer em alguma situação perigosa, mas não a impedir de se machucar. Sobre isso, Dalbosco e Wendt observam que

[...] é de fundamental prioridade que o adulto consiga visualizar e mediar a tensão entre o que realmente é necessidade e o que ele deve dispensar a ela enquanto cuidado. Ou seja, deve o adulto tomar todas as precauções para que seus cuidados não venham a viciar a criança. Assim, a ação do adulto deve ser de reconhecer o que é natural na criança, distinguindo a necessidade verdadeira daquela que é fantasiosa (DALBOSCO; WENDT, 2012, p. 236).

Portanto, a criança poderá entrar em contato natural com o que é mediado pelo adulto, com vistas a descobrir o que ela é no plano humanístico da natureza.

Um contraponto vigotskiano a essa conceituação é que não existe a criança interna que o mediador tem o papel de conservar para, num outro momento, formá-la para que adentre à sociedade preparada para superar os vícios da vida em coletividade. Vigotski entende a formação do indivíduo como a soma de seus aspectos psicológicos, biológicos e sociais. A criança é uma soma de fatores inter-relacionados e o papel do mediador é proporcionar condições para que ela se desenvolva dessa maneira desde a mais tenra idade.

Isso se dá, pois, como nos explica Vigotski (2018, p. 27), “[...] a criança não é uma folha de papel em branco, mas uma folha preenchida inteiramente pelos vestígios da experiência biologicamente útil dos antepassados”. Portanto, é função do mediador proporcionar à criança o contato com a produção histórico-cultural da humanidade para que ela entenda quem ela é a partir do meio em que vive.

Na dinâmica educacional rousseauiana, a passagem intelectual para a vida adulta se dá pela transição dos saberes naturais aos morais, proporcionando ao indivíduo a vida em sociedade por meio da cidadania do indivíduo bem educado, enquanto, em Vigotski, esta dinâmica não é definitiva, uma vez que existem graus diferentes de desenvolvimento nas crianças, a depender de suas características sociais e biológicas. Ele leva em consideração os novos vínculos que se dão entre o mundo que a rodeia e as respostas que dá para esta relação.

3 APROXIMAÇÕES REFLEXIVAS E APLICABILIDADE ATUAL

Aproximar ideias tão distintas não é tarefa das mais fáceis, porém, se levarmos em conta como cada um dos pensadores aqui abordados deu grande importância para o papel do

mediador, podemos cumprir tal exercício, mesmo que restem algumas lacunas. É importante pontuar, para além do exposto, que há um abismo epistemológico e histórico entre as obras desses autores e que, para aproximá-los, foi necessário um exercício de redução de conceitos e limitação de considerações temporais para que fosse possível analisarmos e aproximarmos as atividades do preceptor e do mediador, atribuições historicamente distintas.

Se considerarmos o mediador apenas como um sujeito – uma vez que, em Vigotski, não necessariamente o será, como já vimos – perceberemos que é ele que conduzirá a aprendizagem da criança para os dois autores. Ora, se o preceptor de *Emílio* não o permitisse experimentar algumas situações problemáticas na infância, não teria ele passado pelo processo de aprendizagem natural proposto por Rousseau. E se o professor não medeia estratégias para que a criança passe do conhecimento iminente ao real, Vigotski diria que ali houve uma falha, e que aprendizagem e desenvolvimento não caminharam satisfatoriamente.

Outra aproximação possível decorre de o papel do mediador ligar-se ao objetivo da autonomia do indivíduo. Rousseau almeja esta autonomia em *Emílio* pautada na tomada de consciência por meio da razão – algo da natureza (QUEIRÓZ, 2010); a autonomia, para Vigotski (2018), seria alcançada no momento em que a criança não precisa mais do mediador para desenvolver as tarefas propostas, ou seja, no momento em que o *conhecimento iminente* se torna *real*. A autonomia, nos dois sentidos, é uma condição de vida proporcionada pela educação mediada com a criança.

Por esses motivos – a importância do mediador e seu objetivo de proporcionar uma vivência autônoma pela aprendizagem –, poderíamos refletir se estas tarefas postas ao mediador escapam à sociedade contemporânea e sua *aparelhagem virtual*. Desde já, não se trata de dizer se o papel do mediador em Rousseau ou em Vigotski se daria melhor em uma sala de aula do século XXI, mas pensar sobre o que é educar com base na mediação.

Dito isto, algumas questões se tornam objeto de nossa reflexão: há como educar a criança para o primor dos sentidos numa sociedade onde as relações sociais são mediadas por uma esfera pública virtual? Será possível, tanto quanto idealizou Vigotski, utilizar este meio genérico rumo ao desenvolvimento do indivíduo? Existe a possibilidade de simbiose dos preceitos pedagógicos rousseauianos e vigotskianos na atualidade? Qual seria o papel do mediador hoje? Vejamos.

Mediar o saber, na atualidade, é lidar com um contexto onde as crianças já chegam na escola com múltiplos saberes devido ao contato cada vez mais cedo com o ambiente virtual. Logo, o papel do mediador deve ser de promover esses saberes e organizá-los para que a criança possa de fato dominar aquele conhecimento. Muitas vezes, quando o aluno ainda é uma criança, o professor já o quer como quem será “alguém na vida” ou um adulto em miniatura. Entretanto, parece ser equivocado não mirar, primeiramente, a condição humana, como nos dizia Rousseau. Este sim, seria o princípio da educação. Sermos educados para a humanidade significa entrarmos em contato com diferentes situações naturais, com nossos sentimentos, com os conflitos que advém de nossa visão de mundo, mesmo quando pequenos infantes que não compreendem a totalidade da vida social. Deste modo, nos alerta Rousseau:

Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais

que o destino o faça mudar de situação, ele estará sempre em seu lugar (ROUSSEAU, 1995, p. 15).

Ou seja, a criança deve conhecer, na prática, a condição humana. O professor não deve, portanto, negar à criança a oportunidade do contato com o que a rodeia e, para isso, deverá ir contra uma parte da pedagogia neoliberal, representada por grandes empresas nacionais e multinacionais, que defende a inserção dos meios tecnológicos como ponto nodal da aprendizagem, fato visto e experimentado por vários profissionais que estão nas escolas, inclusive um dos autores deste artigo.

Entretanto, seria impossível isolar a criança deste contexto tecnológico em que estamos inseridos. Por isso, deve o mediador também utilizá-lo ao seu favor, como um recurso a mais que desenvolva na criança a aprendizagem, pois é impossível pensar numa criança fechada em si mesma, isolada de seu meio social. Sobre isso, Vigotski (2018, p. 277) nos alerta que “[...] em pedagogia nós dizemos que o objetivo final de qualquer educação é adaptar a criança ao meio [em que] ela terá que viver e agir”. Partindo deste pressuposto, poderíamos falar de recursos tecnológicos que auxiliam na educação de alunos com deficiência, por exemplo. Quem definirá o melhor caminho? O mediador, dentro de sua análise pedagógica com seus educandos.

Assim, percebemos que atualmente a educação natural, em si, seria impossível em crianças que vivem na complexidade da sociedade contemporânea, mas que ela precisa ser considerada como condição de formação humana. E, como vivemos nesse complexo social do século XXI, poderíamos utilizar a mescla de educação natural e social para mediar conhecimentos importantes para a formação da criança, sem pensar na formação de um adulto moralmente perfeito, mas numa criança autônoma que compreende o meio em que está inserida. A partir daí, com o desenvolvimento de sua consciência e com o amadurecimento de suas funções psicológicas superiores (VIGOTSKI, 2001), um novo caminho se abre à criança e ela poderá utilizar seus saberes para, quem sabe, superar paradigmas importantes de nossa época.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não nos restam dúvidas da importância que tem o mediador na educação das crianças. Como elas aprendem e o que aprendem dependerá, não isoladamente, da atuação de seu preceptor: o mediador como um sujeito. São muitos os caminhos a seguir, mas, inevitavelmente, eles levantam a necessidade do mesmo destino: formar o indivíduo humano.

Quando Rousseau põe em destaque a criança natural, a considera como um ser que se conhece em meio às experiências da vida inicial. Vigotski, por sua vez, ressalta a criança como um produto do social, inserida em um meio do qual não se separa. No fim, são experiências distintas de humanizar-se. Qual visão está correta? Poderíamos pender para Vigotski, por ser a linha histórico-cultural a que melhor explica nossa aprendizagem e desenvolvimento, porém, não podemos desprezar a urgência do retorno de alguns princípios, justamente por vivermos em um contexto cujos avanços tecnológicos do século XXI deixam-nos cada vez mais próximos de um universo artificial – o metaverso, na linguagem do mundo informatizado. Não se trata aqui, portanto, de exaltar o papel do mediador naturalista ou social como superiores, mas propormos uma mescla, levando em consideração o meio em que habita cada criança, ou seja, valorizar o que cada função de mediador pode oferecer ao desenvolvimento intelectual da criança e, conseqüentemente, sua crescente *consciência de si* e de seu meio. Sobre esta questão – a relação mestre-aluno-meio –, Vigotski nos deixa uma pista importante:

O que menos se deve é imaginar o processo educativo como unilateralmente ativo e atribuir todo o caráter ativo ao meio, reduzindo a nada o caráter ativo do próprio aluno, do mestre e de tudo o que está em contato com a educação. Na educação, ao contrário, não existe nada de passivo, de inativo (VIGOTSKI, 2018, p. 70).

Tudo indica que Vigotski busca aqui uma conciliação, pois considera que a aprendizagem se torna de fato significativa para a criança quando ela se vê no processo, auxiliada pelo mediador. A criança natural é aquela que se desenvolve com autonomia, ativa, através de um processo educativo, que tem caráter social. Em Rousseau, por sua vez, há a preocupação de um ideal social a ser buscado pela educação, pois o seu *Emílio* deveria ter uma educação moral a partir de uma base natural. Logo, o que se busca é que o ainda infante se perceba como sujeito ativo, capaz de desvendar saberes. O caráter ativo da criança deve ser objetivo do mediador.

Portanto, voltemos ao problema inicial deste texto: a dificuldade de analisar teorias tão distintas em relação ao papel do mediador para a criança em Rousseau e Vigotski, buscando possíveis aproximações entre eles. Talvez a grande questão seja, justamente, não se prender à objetividade de tais conceitos, mas valorizarmos o que cada um pode contribuir para a educação das crianças na atualidade, principalmente no que diz respeito a sua autonomia e autoconsciência.

REFERÊNCIAS

BRAGA, L. V. da S.; FERRARI, M. M. A brincadeira como processo de mediação e o desenvolvimento psicointelectual. In: BRAGA, L. V. da S.; DRAGO, R. (Orgs.). **Vigotski: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Wak, 2020. p. 73-89.

CENCI, A. Educação em Rousseau e Vygotsky: Pontos e Contrapontos. **Revista Partes**, 2009. Disponível em: < <https://www.partes.com.br/2009/05/11/educacao-em-rousseau-e-vygotsky-pontos-e-contrapontos/>>. Acesso em: 11 de jun de 2022.

DALBOSCO, C. A.; WENDT, C. E. Iluminismo pedagógico e educação natural em Jean-Jacques Rousseau. **Revista Educação**. V. 37, nº 2, mai-ago de 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4827/3237>>. Acesso em: 11 de jun de 2022.

QUEIRÓZ, F. P. **O conceito de infância e o papel do educador em Rousseau**. Dissertação (Mestrado em Educação). 76 p. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Passo Fundo – UPF. Passo Fundo-RS, 2010.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou Da Educação**. Tradução: Sérgio Milliet. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia, educação e desenvolvimento**: escritos de L. S. Vigotski. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Tradução: Paulo Bezerra. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.